

SEGUNDO CADERNO

SEGUNDA-FEIRA, 12 DE MARÇO DE 2007

Gerald Thomas em dose dupla no Rio

• Agora dono de teatro em Nova York, Gerald Thomas encena duas peças no Rio e se prepara para rodar filme em Londres.



ENSAIO DE "Terra em trânsito"



Fotos de Mônica Imbuazzini

GERALD THOMAS dirige Fabiana Gugli em "Rainha mentirosa"; ao lado, a atriz contracena com o "cisne" na peça "Terra em trânsito"

Mauro Ventura

Na quarta-feira passada, Gerald Thomas não parecia nem um pouco preocupado em estreitar duas peças dentro de poucos dias. Ele tinha chegado ao Rio no domingo, conhecido o teatro na segunda e estava criando um dos espetáculos ali mesmo, na hora. Para complicar, os ensaios tinham que ser interrompidos das 16h às 21h, por causa de outras duas peças que estão em cartaz no palco do Ol Futuro.

— Não falta pouco tempo? — quis saber o repórter.

— Falta nada. Já fiz peça em 12 dias, entre o tempo de recrutar ator e a estréia, sendo que não tinha escrito uma linha. E foi incrivelmente lindo.

Tratava-se de "Anchorpectoris", escrita num computador improvisado em cima de uma caixa de papelão instalada no chão, já que ele tinha se mudado de Londres para Nova York. O autor e diretor de 52 anos volta ao Rio com "Terra em trânsito", já montada em NY e em São Paulo, e "Rainha mentirosa", que faz sua estréia na cidade.

Peças não têm nada em comum

• As duas peças serão encenadas em sequência — a partir de quinta e sexta-feira, para convidados, e sábado, para o público. Após "Terra em trânsito", com 40 minutos de duração, há um intervalo de 20 minutos, e aí começa "Rainha mentirosa", que dura... Quanto tempo mesmo, Gerald?

— Não sei, ainda estou escrevendo, até a estréia a gente vai ensaiar de tarde aqui.

Apesar de serem mostradas no mesmo dia, as duas não têm nada em comum, a não ser a atriz Fabiana Gugli. A primeira peça, criada ano passado, ainda conserva uma boa dose de humor. A segunda é bem mais sombria. É ela que está mais próxima do caminho que Thomas quer seguir agora. Um caminho que remonta às origens.

— Se alguém vier esperando uma peça como "Um circo de rinos e fígados" (com Marco Nanini), esquece. Estou tentando justamente escapar dessas últi-

mas peças, comédias para o grande público, mais acessíveis e fáceis de fazer. Amei fazê-las, mas não sou dessa praia. Sou da experimentação. Numa analogia musical, é como se eu tivesse feito alguns discos comerciais e agora voltasse à minha época John Cage e Stockhausen.

Os "discos comerciais" começaram com "Ventriloquist" (1999) e continuaram com "O príncipe de Copacabana" (com Reynaldo Gianecchini), "Esperando Beckett" (com Marília Gabriela), as peças no Sesc-Copacabana, as óperas — "Que sempre puxam para o engraçadinho", diz — e "Um circo...".

Um desvio de identidade

• A virada de agora tem a ver com uma conversa com Ellen Stewart, que dirige, ao lado de Thomas, o teatro La MaMa em Nova York. Após ver "Terra em trânsito", ela disse: "Não estou entendendo essa sua fase. Por que esses apelos ao riso?"

— Ela me botou essa pulga atrás da orelha. Fui para casa pensando: "O que estou fazendo do meu teatro? Por que tentar ser acessível? Nunca me preocupei com isso na vida". Comunicação com o público sempre tive, tanto que as casas vivem lotadas. Então, estou tentando entender direito quem eu sou. Houve um desvio de identidade no meio do caminho.

A busca pelo cômico era tanta que ele chegava a escrever na rubrica das peças: "Risos".

— Sentia-me ofendido e constrangido quando a platéia não reagia com risos — lembra.

A mudança tem a ver, de certa forma, com as imitações ao estilo de Thomas.

— Que imitem agora "Um circo..." — diz.

A peça com Nanini foi um sucesso de público — 103 mil espectadores. Mesmo querendo distância da linearidade de espetáculos como "Um circo...", Thomas fala com carinho do trabalho ao lado do ator.

— Flz "Um circo..." para ele, que foi um companheiro constante de palco. É como pegar um Diogo Vilela pela frente, o que aliás eu adoraria. Existe um namorado, uma possibilidade, mas não tem nada de concreto. Quem me dera. *Continua na página 3*



Volta às origens

Gerald Thomas encena duas peças no Rio, começa a rodar filme em Londres, passa a ter seu próprio teatro em NY e quer retornar à experimentação

ESPERANDO GERALD — OS PROJETOS QUE VÊM POR AÍ

• **GHOST WRITER:** Em maio, Gerald Thomas começa a rodar um filme em Londres, que terá cenas ainda em Nova York, na Turquia e no Brasil. Será ao estilo Glauber, com uma câmera na mão e uma idéia na cabeça, mostrando um homem que se vê nas situações mais insólitas após se encontrar com um garoto oco, que traz uma flor e um bilhete na mão, e lhe pede informações. Ele vai atrás do menino e, quando percebe, está sangrando. O Brasil entra por causa da tríplice fronteira, "onde em 1995 a Al Qaeda arrecadou um monte de dinheiro".

• **EPIPHANY:** Thomas vai ter seu próprio teatro em Nova York, na Rua 28. "O espaço é tudo o que você quer e mais um pouco", diz. Era um galpão onde o Exército guardava seus canhões e que foi desativado. Thomas, que diz já contar com investidores, vai construir uma arquibancada com 330 lugares. O teatro será inaugurado ano que vem. Ele está em dúvidas entre batizar de Epiphany (Epifania) ou Dry Opera Company Theater, por causa de sua companhia, que completa 30 anos em 2010.

• **CATWALK TRAGEDY:** A peça mostra a decadência de um estilista do tipo John Galliano ou Jean-Paul Gaultier, que entra em crise, não sabe mais vestir as pessoas e descobre, após um carnaval no Rio, que a saída talvez seja a nudez. De volta, faz um desfile com sua nova criação: todo mundo nu na passarela. A ousadia obriga os críticos a pensar para descrever a coleção e faz as dondocas irem às lojas e pagar US\$ 450 por um cabide vazio. Ele começa a ensaiar dia 1º de abril em Nova York, mas não tem data para estreiar.

• **DIÁRIO DE HONDURAS:** O diário foi escrito por Ruy Coelho, um genial antropólogo que rivalizava com Claude Lévi-Strauss e que descreveu uma cultura local refinadíssima em Honduras. Thomas vai adaptar o diário para o teatro e encenar em seu novo espaço.

• **SUICIDE NOTE:** "Tenho que concluir a autobiografia, mas toda vez que releio detesto, acho que não interessa a ninguém", diz. A obra traz, por exemplo, as muitas parcerias dele, com gente como Fernanda Montenegro

e Julian Beck. O livro vai sair pela Penguin e a data prevista era maio do ano passado. "Já torço o adiantamento. Aliás, estou com a corda no pescoço em relação a vários projetos."

• **BABYLON 2:** Após montar a ópera "Babylon", de Detlef Heusinger, em 1997, Thomas agora vai levar aos palcos da Alemanha "Babylon 2". A data prevista para a estréia é 18 de novembro. "Mas não tenho conseguido ir às reuniões", diz ele, que foi absolvido do processo a que responderia por ter abaixado as calças para o público no fim da ópera "Tristão e Isolda", em 2003.

• **NOWHERE MAN:** A peça foi feita para o ator Luiz Damasceno e encenada em 1996. A versão inglesa, prevista para outubro, vive um impasse. Era para ser com Ian Holm, mas o ator britânico teve diagnosticado um câncer na próstata. No contrato está dito que o teatro determina a segunda opção. A escolina recaiu sobre Ralph Fiennes, mas Thomas acha que o ator não funciona no teatro. "Falei: 'Desculpa, mas então, não. Procura outro diretor e autor'."

VOLTA ÀS ORIGENS • Continuação da página 1

No palco, um Gerald Thomas autobiográfico

Em 2006, Gerald Thomas apresentou quatro peças de uma vez só em São Paulo. Duas não vêm ao Rio por causa do tamanho do palco. Outra não será encenada porque era uma homenagem aos cem anos de Samuel Beckett, completados em 2006.

A única que será montada aqui é "Terra em trânsito". Ela traz a atriz Fabiana Gugli como uma soprano lírica, presa num camarim, que enlouquece lentamente. Ela contracena com um "cisne" — na verdade, um boneco manipulado — e não pára de alimentar o animal com a finalidade de fazer foie gras.

— É como se o cisne fosse uma figura fictícia e ela estivesse tendo uma alucinação — diz Thomas.

Enquanto ela aguarda o momento de entrar em cena, os espectadores ouvem a voz de Thomas simulando Paulo Francis. A atriz, por sua vez, diz frases como "tentei engravidar de Mick Jagger e não consegui" e "estamos dentro da cabeça de George W. Bush, e dentro dessa cabeça vemos os presos de Guantánamo".

Os cariocas vão assistir ainda à estréia mundial da peça "Rainha mentirosa", também com

Fabiana. É autobiográfica e sombria, misturando histórias da vida de Thomas — mais especificamente de sua mãe — com holocaustos da Humanidade, começando com uma cena que mistura o Terceiro Reich aos atentados do 11 de Setembro.

Na peça, carta que diretor escreveu para a mãe

A peça fala de uma jovem linda que foge de cidade em cidade, perseguida pela mãe mentirosa, que a acusava de ter matado o irmão, que se suicidou aos 17 anos, quando a menina tinha nove. "Mal sabia eu que um

dia iria habitar o seu ventre", diz a voz de Thomas na peça.

A mãe de Thomas morreu em agosto passado e o autor não foi ao enterro. Fabiana leu na cerimônia uma carta que ele escreveu para a mãe. Na peça, é a voz do próprio Thomas que é ouvida lendo trechos como "a minha covardia é enorme, mas talvez ela possa ser entendida como medo", "eu nunca te vi feliz de verdade e isso sempre me assombrou, mas não foi culpa sua" e "quero que você saiba que eu estou aí dentro de você, ao seu lado, beijando sua alma". O resultado é comovente. ■



PANCHO CAPPELLETI em "Rainha mentirosa", de Gerald Thomas